



CADERNO PEDAGÓGICO

MÓDULO III

Produção deste material didático: Narjara Mendes Garcia, Ângela Adriane Schmidt Bersh, Hardalla Santos do Valle, Alexandre Cougo de Cougo, Sarah Lima Mendes, Lindsey Machado de Oliveira, Luana Santos da Silva, Daniel Sperling e Zélia de Fátima Seibt do Couto

Coordenação geral:

Narjara Mendes Garcia, Ângela Adriane Schmidt Bersh, Hardalla Santos do Valle e Alexandre Cougo de Cougo

Equipe de apoio à coordenação geral:

Lindsey Machado de Oliveira

Luana Santos da Silva

Daniel Sperling

Zélia de Fátima Seibt do Couto

Coordenação de tutores:

Sarah Lima Mendes

Equipe técnica:

Daniel Sperling

Design da logomarca do curso:

Vitor Saquete Rodrigues

Design e edição deste material didático:

Hardalla Santos do Valle

Zélia de Fátima Seibt do Couto

Texto e revisão deste material didático:

Narjara Mendes Garcia e Hardalla Santos do Valle

Apoio e financiamento: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI-MEC)

Módulo III - Participação Infantil na Proteção dos Territórios

Narjara Mendes Garcia (FURG)

Angela Bersch (FURG)

“O que as crianças aprendem quando ficam presas? A fugir”

Ailton Krenak

Em uma fala de Ailton Krenak¹ sobre intergeracionalidade o autor destacou que “Toda hora uma secretaria de ensino ou o ministério da educação diz que desse jeito não dá mais, que as crianças estão fazendo o que querem. Eles têm que ficar presos e aprender. O incorrigível desejo de liberdade faz os meninos fugirem. Há umas pedagogias muito bonitinhas que nos convencem de que assim as crianças vão conseguir criar comunidades”. Essa fala é um alerta para o modo como estamos olhando e escutando as infâncias e, sobretudo, as maneiras que mobilizamos as nossas práticas pedagógicas com as crianças.

Ao olhar para as infâncias é preciso fazê-lo a partir da sua pluralidade, considerando as experiências constituídas em um território e cultura. Há em toda a criança o atravessamento do contexto geográfico, das condições sociais e econômicas que atingem a todas, desde a criança indígena à quilombola, da ribeirinha à urbana. No processo de se constituir por meio das relações entre as pessoas com as quais convive, e pelos objetos da cultura, também o simbólico contribui para a construção da identidade. É nesse tecer complexo que a criança se reconhece e conhece o mundo.

E como ela faz isso? Ou como ela deveria fazer isso?

Por meio do brincar, da brincadeira e das interações. A brincadeira é a linguagem (a forma como se manifesta) principal da criança. É brincando que a criança cria, ressignifica, testa hipóteses, e com isso constrói conhecimento. O brincar para a criança é algo tão sério como é o trabalho para os adultos. O pertencimento é um elemento importante nesse processo, pois ele é fundamental na medida em que reforça o

¹É um importante escritor, filósofo, jornalista e ambientalista indígena, pertencente ao povo Krenak. Ele é conhecido por seu ativismo em defesa dos direitos indígenas e da preservação ambiental, assim como hoje é Membro da Academia Brasileira de Letras.

sentimento de pertença; quando a criança no ato do brincar se reconhece parte de um grupo, uma cultura ou um contexto e, fundante porque a criança brinca com aquilo que conhece, ou algo que já viu ou vivenciou, ou seja, que faz parte da sua cultura. O território no qual ela está inserida vai influenciar suas brincadeiras e expressar a diversidade socioambiental: no repertório de uma criança que vive no litoral possivelmente estará a brincadeira de pegar onda; já aquela que vive na roça vai brincar de preparar a terra para o plantio ou algo semelhante. Embora as brincadeiras sejam distintas, a forma de aprender que é brincando estará presente na rotina de todas as crianças.

A Ética do cuidado tão defendida no âmbito da Educação Infantil é construída, sobretudo pela forma como nós adultos/os compreendemos esse processo (da linguagem do brincar e brincadeira) na infância. A brincadeira é determinante para a criança, pois pode representar uma potencialidade se respeitarmos o direito ao brincar e as suas manifestações.

Os contextos escolares/institucionais de Educação Infantil, nessa perspectiva, são espaços significativos para concretizar a ética do cuidado, transformando-os em espaços educadores sustentáveis e resilientes. De que forma? Esses contextos devem dialogar e articular-se com seu entorno, com a comunidade à sua volta, com o bairro no qual está inserida, valorizar a cultura e seu território. Promover a sustentabilidade tem relação com identificar e enfrentar grandes crises climáticas ou socioambientais, mas também outras ações que para os adultos pode ser algo diminuto, mas para as crianças toma uma outra proporcionalidade, como o alagamento da rua em dias de chuva, salas sem ventilação em dias de muito calor, secas que interrompem o transporte escolar, entre outros. Precisamos conversar com as crianças sobre os biomas brasileiros: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e o Pampa. Precisamos construir uma “cultura oceânica” de reconhecimento da importância dos lagos, dos rios e da biodiversidade do oceano para a sobrevivência no planeta. Desde cedo devemos mobilizar junto com as crianças campanhas e a compreensão sobre o enfrentamento ao desmatamento e a mineração desenfreada, o colapso climático, a poluição e a degradação de solos e dos rios, a violência urbana e a desvalorização do campo, os maus-tratos e tráfico de animais, a banalização da vida e o consumo insustentável. Tratar sobre esses fatores com as crianças pode promover a resiliência, no sentido de

auxiliar elas a compreenderem e superarem junto com sua família e comunidade essas situações, tornando-as agentes ativos diante de situações de crises.

Portanto, numa tentativa de síntese e retomando a frase inicial de Ailton Krenak “O que as crianças aprendem quando ficam presas? A fugir”, argumentamos em prol de metodologias e abordagens que permitam às crianças mais agência no processo educativo. A compreensão oriunda de uma visão adultocêntrica e colonialista que silencia a voz e o corpo da criança não nos serve mais. A criança aprende interagindo e brincando, portanto, enquanto professoras/es e mediadoras/es que somos precisamos agir em prol dessas questões e do direito delas ao brincar, à exploração do território, à manifestação da sua cultura, para a construção da sua identidade. O cuidado ético exige que enquanto educadoras/es respeitemos as expressões e manifestações das crianças como sujeito de direitos e agentes de seus saberes.

Como mobilizar essas questões do cotidiano e de enfrentamento à crise com crianças tão pequenas na Educação Infantil?

A Educação Infantil Ambiental mobiliza esse cuidado ético através da participação e das expressões das crianças nas interações como parte do território e no movimento de reconhecimento dos biomas locais, da coexistência com as múltiplas espécies, nas experimentações sensoriais e estéticas com os elementos naturais, dos processos que sejam inclusivos e não excludentes, e a construção de interações de respeito das culturas tradicionais e da diversidade dos povos e modos do bem-viver. Esses são os pontos centrais do fazer ambiental na Educação Infantil. Cabe a nós professoras/es oportunizar esse contato, possibilitar as intervenções cotidianas e promover as expressões das linguagens infantis.

Existem muitos movimentos de constituição dessa educação ambiental desde a infância em todo o Brasil. Podemos exemplificar alguns processos educativos com as crianças pequenas, como a ludicidade proposta nos Quintais Brincantes (Mendes, 2024), os princípios estéticos da Pedagogia Waldorf (Gomes; Iared, 2021); a exploração e investigação por meio da proposta Montessoriana (Marafon; Santos, 2024); os propósitos de uma educação multiespécies mobilizadas pelas escolas das águas (Zaim-de-Melo; Sambugari, 2020), das florestas, da ancestralidade Quilombola (Silva; Ferreira; Madeira; Dutra, 2022), Indígena (Silva; Tempass; Garcia, 2019; Tassinari, 2015; Cohn, 2021), e a construção de espaços educativos sustentáveis através da

recomposição dos espaços internos e externos das instituições e centros de Educação Infantil, com ações relacionadas aos ateliês das infâncias (Gandini; Hill; Cadwell; Schwall, 2019), brincar heurístico (Fochi, 2018) e/ou outras experiências da constituição da identidade local.

As práticas pedagógicas que fazem a intersecção com as demandas ambientais e do pertencimento da criança à natureza e ao território devem emergir nas interações através de rodas de conversa, saídas de campo, dança, música, artes plásticas e da sensibilização a partir da corporeidade, experimentação na natureza, na construção de repertório local e global, na partilha de saberes populares e dos conflitos socioambientais, nas brincadeiras na sala referência e nos espaços externos, e tantas outras ações que podem ser mobilizadas. As crianças pequenas apresentam a curiosidade, a disposição e o potencial para essas experiências e práticas ambientais. E você professor/a, como se percebe diante dessas possibilidades do fazer educativo ambiental?

Referências:

- Cohn, C. O que as crianças indígenas têm a nos ensinar? O encontro da etnologia indígena e da antropologia da criança. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, ano 27, n. 60, p. 31-59, maio/ago. 2021. <https://orcid.org/0000-0002-5446-7891>
- Gandini, Lella; HILL, Lunn; Cadwell, Louise; Schwall, Charles. O Papel do Ateliê na Educação Infantil. Porto Alegre: Penso, 2019.
- Gomes, H. A.; Iared, V. G. (2021). A pedagogia waldorf e a educação ambiental: um diálogo a partir de uma perspectiva ecofenomenológica. *REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 38(1), 202–223. <https://doi.org/10.14295/remea.v38i1.11827>
- Fochi, P. O brincar heurístico na creche: percursos pedagógicos no observatório da cultura infantil – OBECI. Porto Alegre: Estudos Pedagógicos, 2018.
- Marafon, D.; Santos, V. L. M. dos. Educação ambiental crítica e o método Montessori: promovendo a aprendizagem através do ambiente natural. *Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar Matinhos*, v. 17, n. 2, p. 218-235, 2024. ISSN 1983-8921 doi: <https://doi.org/10.5380/diver.v17i2.96777>
- MENDES, S. de L. (org.). Quintais brincantes: Por uma infância desemparedada. 2024.

SILVA, L. S. da, TEMPASS, M. C., & Garcia, N. M. (2019). Infância Mbyá-Guarani e o processo educativo dos “pequenos indígenas” da Tekoá Pindó Mirim. *Revista De Antropologia Da UFSCar*, 11(1), 204–231. <https://doi.org/10.52426/rau.v11i1.281>

SILVA, R. M. C.; FERREIRA, H. S. C.; MADEIRA, L. K. F.; DUTRA, R. de M. M. Infância e saberes quilombolas: participação das crianças e cultura lúdica no quilombo de Ariquipá – MA. *Desidades*, número 32. ano/año 10, jan - abr 2022. <https://doi.org/10.54948/desidades.v0i32.46295>

TASSINARI, A. M. I. “A casa de farinha é a nossa escola”: aprendizagem e cognição Galibi-Marworno. *Revista de Ciências Sociais*, nº 43, Julho/Dezembro de 2015, p. 65-96.

ZAIM-DE-MELO, R.; SAMBUGARI, M. R. do N. A cultura lúdica dos alunos de uma “escola das águas” no Pantanal. *Revista Educação Online*, Rio de Janeiro, n. 35, set-dez 2020, p.100-116. Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/741/298>

Registro Avaliativo

Registro constituído na vivência do Módulo 3:

Em nossa caminhada formativa neste curso já resgatamos nossa percepção do ambiente e do território que nos envolve, assim como já lançamos um olhar para os principais problemas e questões ambientais que atravessam nossa instituição e trabalho pedagógico na Educação Infantil, sobretudo observando os impactos nas crianças e em suas experiências de vida nos territórios. Estes exercícios foram muito importantes para pensarmos na constituição de um Plano de Ação (solicitado no módulo anterior) junto com as crianças, o qual deve estar em trilha, sendo desenvolvido em nossos espaços educativos e em nosso fazer pedagógico.

O nosso desejo é caminhar para o responder/fazer a seguinte questão problematizadora: Como podemos promover territórios escolares e espaços educadores sustentáveis e resilientes no contexto da Educação Infantil? Neste caminho, o módulo 3 apresentou diversas possibilidades metodológicas que dialogam com compreensões e práticas pedagógicas na educação ambiental das infâncias, e que trazem convites permanentes para transformarmos essas mesmas ideias em novas práticas e construções apropriadas e adaptadas aos cotidianos das nossas crianças e territórios.

Pensando exatamente nestas proposições metodológicas que convidamos à vivência e experiência de uma ou mais destas ideias reconstituídas/transformadas às realidades dos territórios educativos em que estamos envolvidos. Nossa proposta é que cada cursista possa viver e contar por meio de uma escrita narrativa como pensou e desenvolveu uma das propostas metodológicas apresentadas pelo curso em seu espaço educativo, narrando a exploração do fazer pedagógico e a vivência das crianças com as ideias colocadas em prática.

Materiais complementares

Neste espaço indicaremos diversos materiais, como: livros, artigos, vídeos, podcasts, manuais, filmes, documentários e etc. Essa seleção de materiais visa auxiliar na compreensão sobre o módulo e propiciar suporte para a prática docente. Além disso, consideramos que os materiais complementares fortalecem a construção de um aprendizado significativo, respeitando o ritmo e as necessidades individuais de cada cursista.

Playlist:

Ser Criança é Natural - playlist de músicas infantis

<https://open.spotify.com/playlist/0v1S1U1FoYTPHMQqiJsqrX?si=qVAWh-QWRTS9fd4JXB8zLQ>

Áudios indígenas - Músicas selecionadas com letras na língua, pronúncia e tradução, partituras e propostas didáticas relacionadas.

<https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/>

Leituras:

BARROS, M.I. A. (org.). **Desemparedamento da infância:** a escola como lugar de encontro com a natureza. 2ª ed. Alana: Rio de Janeiro, 2018.

IARED, V. G.; HOFSTATTER, L. J. V.; TULLIO, A. D.; OLIVEIRA, H. T. **Educação Ambiental Pós-Crítica como possibilidade para Práticas Educativas mais sensíveis.** *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.46, n.3 e104609, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236104609>.

FRAGATA, C. **O Tupi que você fala.** Globo Livros: Rio de Janeiro, 2018.

GARCIA, N. M.; BERSH, A. A. S., VALLE, H. S. *et al.* **Quintais Brincantes:** por uma infância desemparedada. Material didático digital, 91p. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1132270>.

THOMÉ, A. C.; MENDONÇA, R. **Experiências da Semana:** pela janela. Ser Criança é Natural. Março, 2020. Disponível em: www.sercriancaenatural.com. Acesso em setembro/2025.